

AULO GÉLIO E QUESTÕES GRAMÁTICAS

Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho (USP)

RESUMO:

As *Noites Áticas*, única obra literária de Aulo Gélio, compreendem 20 livros, que contêm um prefácio e 398 capítulos de assuntos variados, apresentados desordenadamente, mais ao acaso: informações sobre costumes e leis dos antigos; questões filosóficas; trechos de história greco-romana; fatos curiosos; crítica literária; gramática etc. Os capítulos, assim mesmo desorganizados em sua seqüência, compreendem um livro definido em sua intenção de apresentar estudos e informações da imensa cultura greco-romana. Neste artigo, uma pequena amostra do texto aulogeliano, com a análise de dois trechos de tema gramatical.

PALAVRAS-CHAVE: Palavras-chaves: latim, gramática, Aulo Gélio.

Roma antiga, século II d. C. É dessa época da história Aulo Gélio, erudito, crítico literário, gramático, escritor cuja biografia se revela praticamente quase só pelas informações que ele próprio dá, sobre si mesmo, no seu livro *Noites Áticas*. Os dados seguintes temos então a partir dessa obra. Aulo Gélio viveu de aproximadamente 123 a 175, durante o período que vai de Adriano a Marco Aurélio. Parece-nos hoje, pelo que podemos depreender das *Noites Áticas*, que Aulo Gélio era sobretudo muito ligado ao passado de Roma (à língua, às tradições, às leis, aos conceitos elevados, aos costumes austeros de seus ilustres cidadãos). É como gramático, às vezes um tanto pretensioso, como crítico de obras literárias, quase sempre empolgado e exagerado, e até como historiador que ele nos demonstra ter lido muitos autores antigos. Seu objetivo é transmitir conhecimentos úteis. Trata-se de escritor que procura tornar mais cultos os homens, mais correto o uso do latim e mais bem firmada a recordação de fatos relacionados com a civilização romana.

As *Noites Áticas* transportam o leitor a um mundo de sábios - ou de pedantes - , para os quais a gramática e a crítica literária parecem ser os grandes exercícios intelectuais. Apresentam-se em modo de compilação desordenada de ensinamentos e informações sobre assuntos variados: direito, filosofia, língua, literatura e fatos históricos. Trazem extratos de um ou outro autor antigo cuja obra se perdeu ou totalmente ou em parte, notícias sobre o mundo antigo, anedotas, doutrinas filosóficas, questões morais, questões científicas, crítica literária e discussões gramaticais - enfim, erudição excessiva e desordenada. A sucessão af de capítulos sem ligação entre si, algumas vezes curtos, trata pois de assuntos bem variados. Quase todos os ramos do saber interessam a Aulo Gélio. Os capítulos mais numerosos são consagrados a questões de gramática do latim. Também há muitos sobre literatura: citações comentadas de autores arcaicos ou do período

clássico (Aulo Gélío cita mais de 250 autores, de alguns dos quais só conhecemos essas citações); comparação entre texto grego e tradução dada por escritor latino; biografia resumida de autores antigos.

Mais numerosos, já observamos, nas *Noites* aulogelianas os capítulos com comentários gramaticais. Aulo Gélío deleita-se com questões morfossintáticas greco-latinas. Ora o que mais nos impressiona aí - a nós leitores que temos como materna uma língua latina - é a atualidade dos fatos do latim em correlação com o português. Notem-se por exemplo, no capítulo 13, 17, os sentidos popular e erudito de *humanitas* (humanidade): sentimento de benevolência para com o próximo; cultura humana. Os mesmos na antigüidade e nos dias de hoje. Quanto a significados de palavras aliás - e só para continuar neste tipo de exemplificação -, observem-se as particularidades semânticas de *gratia*, *industria*, *contagium*: o que Aulo Gélío diz sobre o duplo sentido, em sua época, desses vocábulos latinos (capítulo 12, 9) vale igualmente hoje para as correspondentes formas portuguesas deles derivadas: graça, indústria, contágio. E assim nas questões em geral, salpicadas aqui e ali, ao acaso, pelos livros das *Noites Áticas*: fatos do latim, particularidades da língua, dificuldades de pronúncia, de forma, de flexão, de construção sintática - enfim problemas que merecem análise, e que têm sua contrapartida, e sua conseqüência direta ou indireta, no português. De tais questões gramaticais damos a seguir dois exemplos, um relativo a nome, outro a verbo.

Em 6, 21, encontramos já por título uma indagação: *quoad uiuet quoadque morietur cur id ipsum temporis significant cum ex duobus sint facta contrariis?* (por que *quoad uiuet* e *quoad morietur* signifiquem um quê precisamente de tempo, embora sejam feitos de dois contrários?) Para essa questão, note-se primeiramente que *quoad* se forma do advérbio interrogativo *quo?* (para onde? até que ponto?) mais a preposição de movimento *ad* (a, para, em direção a). Daí, a partir das frases apresentadas, podemos considerar por exemplo *quoad Fabius uiuet* (até quando Fábio viver) e *quoad Fabius morietur* (até quando Fábio morrer) como frases que dizem fatos contrários mas indicam um só e o mesmo momento. Os fatos contrários se indicam pelos verbos; o um só momento, pela partícula. Note-se ainda que o latim não tem o tempo verbal futuro do subjuntivo; o futuro, aliás, já por si só designa a idéia do eventual característica do modo da possibilidade. Literalmente, portanto, o que se diz é: “até quando Fábio viverá” (*quoad Fabius uiuet*), “até quando Fábio morrerá” (*quoad Fabius morietur*).

Aulo Gélío apresenta análise especial sobre os hoje designados “verbos depoentes” (capítulo 15, 13): *de uerbis inopinatis utroqueuersum dicuntur et a grammaticis “communia” uocantur* (sobre verbos inopinados que se dizem em dois sentidos e pelos gramáticos são chamados “comuns”). Em trecho anterior das *Noites Áticas* (12, 9, 1) já fora definido que *communia uerba* se dizem as palavras que podem indicar dois conceitos opostos: *est plurifariam uidere atque animaduertere in ueteribus scriptis pleraque uocabula, quae nunc in sermonibus*

uulgi unam certamque rem demonstrent, ita fuisse media et communia, ut significare et capere possent duas inter se res contrarias (é possível de diferentes modos ver e notar em antigos escritos que numerosos vocábulos – que agora na linguagem do vulgo uma única e determinada coisa demonstrem – foram assim tão médios e comuns que pudessem significar e tomar duas noções entre si contrárias). Agora, em 15, 13, a expressão está a indicar forma verbal que pode ter valor ou ativo ou passivo. O primeiro parágrafo expõe o assunto em sua plenitude: “*utor*” et “*uereor*” et “*hortor*” et “*consolor*” *communia uerba sunt ac dici utroqueuersus possunt: “uereor te” et “uereor abs te”, id est “tu me ueris”; “utor te” et “utor abs te”, id est “tu me uteris”; “hortor te” et “hortor abs te”, id est “tu me hortaris”; “consolor te” et “consolor abs te”, id est “tu me consolaris”; “testor” quoque et “interpretor” significacione reciproca dicuntur [utor (uso) e uereor (temo) e hortor (exorto) e consolor (consolo) são verbos comuns e podem ser ditos em dois sentidos: uereor te (temo-te) e uereor abs te (sou temido por ti), isto é tu me ueris (tu me temes); utor te (uso-te) e utor abs te (sou usado por ti), isto é tu me uteris (tu me usas); hortor te (exorto-te) e hortor abs te (sou exortado por ti), isto é tu me hortaris (tu me exortas); consolor te (consolo-te) e consolor abs te (sou consolado por ti), isto é tu me consolaris (tu me consolas); testor (testemunho) e interpretor (explico) também se dizem com significado alternativo]. Como o próprio Aulo Gélío confessa em seguida, não é aí usual o uso no segundo sentido. Aproveitemos dois dos exemplos dados. Em *utor te*, construção com o ablativo *te*, a idéia é “faço uso de ti”. O sentido do verbo é de voz média (não contemplada pelas gramáticas de latim): *utor* [= eu faço uso por mim mesmo]; aquilo de que ou aquele de quem eu faço uso fica no ablativo instrumental. Mostram-se possíveis conseqüentemente, pela lógica do latim, as construções *utroque modo*, se as entendermos bem literalmente: por um lado *utor te* [faço, por mim mesmo, uso de ti] e *me uteris* [fazes, por ti mesmo, uso de mim]; por outro lado, com ablativo de origem, a construção *utor abs te* [estou em uso da parte de ti]. Em *hortor te* a construção se faz com acusativo que passa o sentido de relação e de destinatário; a idéia é “incuto, em mim mesmo, exortação em relação a ti (para ti)”; daí: *me hortaris* [= incutes, em ti mesmo exortação em relação a mim (para mim)]; e a construção *hortor abs te* [= incuto, em mim mesmo, exortação que vem de ti], com ablativo que dá idéia de separação ou origem (o “ablativo de agente da passiva” das gramáticas tradicionais).*

BIBLIOGRAFIA:

A. Gelli *Noctes Atticae*. Ed.: P. K. Marshall, Londres, Oxford University Press, 1960 (2 tomos).